



תשרי

TISHREI

Um convite para recomeçar

*Um guia de reflexão para Rosh Hashaná,
Iom Kipur, Sucot e Simchat Torá.*

Inspirado em reflexões da rabina Dra. Dalia
Marx, a partir do livro *BaZman*

A edição em português do livro está
sendo preparada pela UJR-AmLat.

Edição especial UJR-AmLat
para as Grandes Festas

UJR

ÍNDICE



TISHREI: ENTRE O FIM E UM NOVO COMEÇO

03

ROSH HASHANÁ | A POSSIBILIDADE DE MUDAR

05

IOM KIPUR | OLHAR, RECONHECER E REPARAR

07

SUCOT | SAIR DO CONFORTO PARA OLHAR DE OUTRO LUGAR

09

SIMCHAT TORÁ | A ALEGRIA DE VOLTAR À TORÁ

11

MEU TISHREI | UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO

12

PARA CONTINUAR A JORNADA

13

TISHREI: ENTRE O FIM E UM NOVO COMEÇO



Tishrei reúne algumas das experiências mais intensas do calendário judaico. Rosh Hashaná marca a passagem para um novo ano; Iom Kipur nos conduz à reflexão, à teshuvá e à responsabilidade por nossas ações e relações; Sucot nos leva para uma morada temporária; e Simchat Torá celebra a alegria da Torá.

No livro *BaZman*, a rabina Dra. Dalia Marx apresenta Tishrei como um período de mudanças e renovação. A partir de uma tradição talmúdica segundo a qual a criação do mundo é associada a Tishrei, a autora propõe pensar o mês como um tempo em que o mundo se renova — e nós também. Para ela, Tishrei é uma oportunidade de fazer um *cheshbon nefesh*, um balanço da alma, e de ampliar nossa responsabilidade para além de nós mesmos.

Uma pergunta para levar conosco: _____

O que queremos deixar para trás, o que precisamos reparar e o que desejamos construir no ano que começa?

Um mês de movimentos

Uma das imagens presentes no capítulo de Tishrei é a de um percurso: passamos da mesa festiva de Rosh Hashaná à sinagoga, da sinagoga à sucá e, finalmente, à alegria de dançar com a Torá. É um mês que alterna celebração, introspecção, vulnerabilidade, natureza, comunidade e estudo.

Em vez de enxergar essas festas como momentos isolados, podemos percebê-las como partes de uma mesma jornada: parar, olhar para dentro, reconhecer, reparar, abrir espaço para o outro e voltar àquilo que queremos continuar aprendendo e construindo.



ROSH HASHANÁ | A POSSIBILIDADE DE MUDAR



Um novo ano não apaga o que aconteceu. Mas pode mudar a maneira como nos relacionamos com aquilo que vivemos e com aquilo que ainda podemos construir.

BaZman destaca a capacidade humana de escolher, mudar e transformar a própria vida. Rosh Hashaná nos lembra tanto dos limites do que podemos alterar quanto daquilo que ainda depende de nossas escolhas.

Uma prática para a mesa

Antes ou durante a refeição de Rosh Hashaná, escolha três palavras para o ano que começa. Elas podem expressar algo que você deseja cultivar: coragem, cuidado, criatividade, justiça, serenidade, conexão ou outra qualidade que tenha significado para você.

Que qualidade quero levar comigo para o novo ano? Que escolha concreta pode aproximá-la da minha vida?



Os símbolos também contam histórias

No capítulo, somos apresentados a história dos alimentos simbólicos de Rosh Hashaná e mostra como essas práticas foram se desenvolvendo ao longo da tradição. A autora observa que alguns dos símbolos mais conhecidos hoje, como maçã com mel e romã, não aparecem dessa forma no Talmud, tendo sido incorporados posteriormente. As bênçãos associadas aos alimentos também podem brincar com sons e palavras em hebraico, transformando a refeição em uma expressão de desejos para o novo ano.



IOM KIPUR | OLHAR, RECONHECER E REPARAR



Iom Kipur é um tempo de avaliação. A liturgia nos coloca diante de nossas escolhas, nossas falhas e nossas relações — não apenas como indivíduos, mas também como parte de uma comunidade.

O livro dedica reflexões ao *Unetane Tokef*, ao *Kol Nidrei* e à confissão de Iom Kipur. Um dos pontos que atravessam essas reflexões é a fragilidade da existência humana e a necessidade de encontrar linguagem para lidar com aquilo que não podemos controlar.

A autora também chama atenção para a dimensão coletiva da confissão. O *Vidui* é formulado no plural: reconhecemos não apenas nossas próprias falhas, mas nos colocamos diante da responsabilidade que compartilhamos enquanto comunidade.

E quando o dano envolve outra pessoa?

A partir das tradições de Iom Kipur, o capítulo convida a pensar que reparar uma relação exige mais do que simplesmente desejar que o passado desapareça. Reconhecer o que fizemos, assumir responsabilidade e buscar uma mudança concreta fazem parte desse processo.

PARA REFLETIR-

Existe alguma relação que pede uma conversa mais honesta? Há algo pelo qual preciso assumir responsabilidade?



SUCOT | SAIR DO CONFORTO PARA OLHAR DE OUTRO LUGAR



Poucos dias depois de Iom Kipur, Tishrei muda novamente de tom. Saímos da introspecção e vamos para a sucá.

Marx pergunta por que a Torá nos manda sair para uma morada temporária justamente no período da colheita, quando nossas casas e celeiros estão cheios. Ao apresentar diferentes interpretações, ela mostra como Sucot pode ser entendida como uma oportunidade de lembrar a vulnerabilidade, desconectar-nos por um momento da rotina e observar nossa vida de outro lugar.

A sucá entre natureza e cultura

No capítulo, a sucá é apresentada como uma construção que combina abrigo e abertura. Ela nos protege, mas seu teto deve manter uma relação com a natureza e permitir que possamos ver as estrelas. Essa característica cria uma experiência de estar protegido sem estar completamente separado do mundo.

A experiência da sucá também pode ser pensada como uma saída temporária do lugar conhecido. Deixamos o conforto habitual para voltar a ele com um novo olhar.

Abrir espaço

O capítulo de Tishrei também apresenta propostas de hospitalidade em Sucot, pensando em quem convidamos para dentro de nossos espaços. A festa pode nos provocar a perguntar: quem está incluído, quem está ausente e que espaço podemos abrir?

Desafio de Sucot

Convide alguém para sua mesa, para sua comunidade ou para uma conversa que normalmente não aconteceria. Que espaço você pode abrir para que outra pessoa se sinta pertencente?



SIMCHAT TORÁ | A ALEGRIA DE VOLTAR À TORÁ



Depois de atravessar as diferentes experiências de Tishrei, chegamos à alegria de Simchat Torá. É um momento de celebrar a leitura, o estudo e a continuidade da tradição.

Em *BaZman*, a rabina Dalia Marx compartilha uma experiência pessoal de Simchat Torá e reflete sobre a relação entre a comunidade e a Torá. A partir dessas experiências, ela destaca uma ideia central: a Torá pode ser um espaço de pertencimento para todas as pessoas que escolhem estudá-la, amá-la e encontrar nela uma fonte de conhecimento.

Essa perspectiva nos convida a pensar para além da festa: como construímos comunidades em que mais pessoas possam participar, aprender, perguntar e se sentir parte?

PARA LEVAR PARA
O NOVO ANO:

Que lugar o estudo judaico ocupa na minha vida? Como posso tornar o aprendizado mais acessível e significativo para outras pessoas?

MEU TISHREI | UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO

Use estas perguntas como um roteiro pessoal ou como uma conversa em família, com amigos ou na comunidade.

1. OLHAR PARA TRÁS

O que aconteceu neste último ano que merece ser reconhecido, celebrado ou elaborado?

2. RECONHECER

Que atitude minha teve um impacto positivo em outras pessoas?

3. REPARAR

Existe algo que eu gostaria de reconhecer, corrigir ou reparar?

4. ESCOLHER

Que valor quero colocar mais no centro da minha vida neste novo ano?

5. ABRIR ESPAÇO

Quem ainda não encontra um lugar de pertencimento em meus espaços e como posso contribuir para mudar isso?

6. CONSTRUIR

Que pequena ação concreta posso realizar nas próximas semanas para aproximar minha vida daquilo que desejo?

PARA CONTINUAR A JORNADA

Este guia foi criado pela UJR-AmLat como um convite para viver Tishrei com mais reflexão, diálogo e participação.

As ideias e referências apresentadas neste material foram elaboradas a partir do capítulo de Tishrei do livro *BaZman*, da rabina Dra. Dalia Marx. Este material não reproduz o capítulo nem substitui a leitura da obra; ele apresenta uma seleção de temas e perguntas inspiradas por suas reflexões.

A UJR-AmLat está preparando a edição em português de *BaZman*, de Dalia Marx — uma obra que percorre o calendário judaico mês a mês, combinando tradição, história, liturgia e reflexão contemporânea.

Acompanhe a UJR-AmLat para saber mais sobre o lançamento.

Nota editorial: quando este guia apresenta uma ideia específica da rabina Dalia Marx, ela é identificada como uma reflexão presente em seu livro.

EDIÇÃO ESPECIAL UJR-AMLAT PARA AS GRANDES FESTAS

Flavio Levi Moreira
Presidente

Rabina Kelita Cohen
Diretora de Educação

David Britva Beraha
Diretor Executivo

Equipe UJR-AmLat
Conteúdo

Amanda Varchavsky
Edição, Diagramação